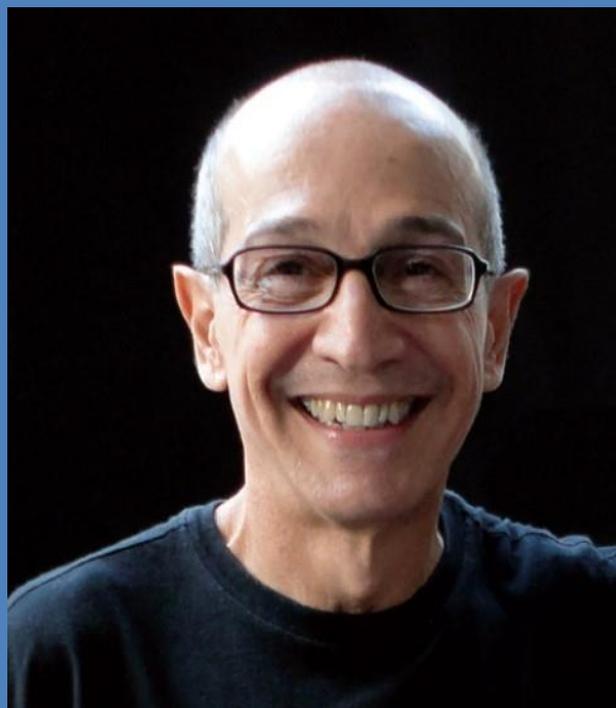


Entrevista de Mauricio Murad

Concedida a Isabella
Trindade ¹



Mauricio Murad é doutor em Sociologia do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal, com co-orientação do INEF de La Coruña, Espanha. Atualmente é Professor Adjunto (aposentado) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor e pesquisador de Sociologia dos Esportes do programa de pós-graduação da Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e Colaborador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Publicou 45 artigos em periódicos especializados no Brasil e no exterior e mais de 20 trabalhos em anais de eventos nacionais e internacionais. Possui 30 capítulos de livros, 15 livros publicados e mais de 600 itens de produção técnica. Recebeu dez prêmios e/ou homenagens acadêmicas e culturais. Um de seus livros (*Todo esse lance que rola, uma história de namoro e futebol*) foi indicado à premiação *Sala de Leitura* do MEC e adaptado para o teatro, na versão de um musical. Atualmente coordena dois projetos de pesquisa. Atua na área de Sociologia, com ênfase em Cultura, Sociedade, Futebol e Violência. Em suas atividades profissionais já interagiu com nove colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos, no Brasil e no exterior.

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v%vn%i.%Y.7636>

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) - CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Brasil. Professora IFRJ - EPF
E-mail: bella_tm@yahoo.com.br

Como nossa entrevista é sobre o tema “diálogos com o futebol”, assunto da próxima edição da revista Mosaico, pedimos que nos fale um pouco sobre a sua trajetória pessoal e acadêmica.

É um prazer conceder esta entrevista para a revista Mosaico, que eu tenho certeza, que é boa, a começar pelo nome. Então é um prazer de fato, para mim. Vejamos como posso contribuir: a minha trajetória no futebol começou quando ainda era um garoto, porque eu tentei ser jogador de futebol, cheguei a colocar o calção e as chuteiras no clube do Botafogo. Isto aconteceu nos anos 1960, quando o Botafogo tinha um time espetacular. Eu não jogava mal não, mas o time do Botafogo era bom demais, então, eu tive algumas chances, mas acabei abandonando. Depois cursei Sociologia, graças a política, pois a minha geração foi muito envolvida com o meio político. Por isso, eu também fiz Sociologia na UFRJ: para fazer política. Um dia, na universidade, eu vi o anúncio de uma palestra do Anatol Rosenfeld, intelectual alemão, que fugiu do Nazismo e veio para o Brasil. Assisti, sua palestra sobre cultura brasileira, pois eu era fã dele e por ser uma referência na época, hoje já falecido. Ele era uma referência para o teatro, filosofia e a literatura brasileira, contudo quando eu cheguei no auditório ele estava falando de futebol. Ouvi aquilo com muita atenção, uma vez que eu gostava muito de futebol, mas aquele era o momento da Ditadura e falar de futebol era meio que proibido, já que o futebol era considerado “o ópio do povo”. No entanto, eu sempre tive reservas em relação ao termo ópio do povo, mas tinha um pouco de vergonha de tentar discutir esse assunto, questionar isso. Não tínhamos muito espaço para divergir, afinal isso era parte da resistência à Ditadura Militar civil-militar. Existia um patrulhamento ideológico muito grande e não tínhamos muito como discutir, por isso eu guardava as dúvidas dentro de mim. Quando entrei no auditório, do velho prédio do IFCS/UFRJ, no Largo de São Francisco, no Centro do Rio de Janeiro, isto me chamou a atenção em sua fala. Ele se admirava como a intelectualidade, principalmente a ligada a esquerda, tinha dificuldade em entender o futebol como elemento chave para compreensão da cultura brasileira. Sua fala esteve centrada, todo tempo, no futebol. Ele afirmou que na Alemanha, mais precisamente na Universidade de Colônia, um setor no curso de Sociologia destinava-se a estudar o futebol. Aquilo ficou na minha cabeça. Após a palestra, conversei com ele e nos tornamos amigos. Mesmos sendo um homem muito mais velho que eu, jovem estudante, nossa amizade foi muito produtiva, muito. Mesmo sendo uma amizade curta, de quase três anos, pois ele logo faleceu, aquilo ficou na minha cabeça e eu sempre pensava: o dia em que eu tiver chance criarei e/ou ajudarei a fundar no Brasil algo como feito na Alemanha. Em razão disto, descobri que a Universidade de Leicester, na Inglaterra, foi a segunda instituição do mundo, a seguir a Universidade de Colônia, ou seja, a ter um setor da faculdade de Sociologia voltado para os estudos sobre futebol. Futebol como fenômeno histórico e social, além do fenômeno esportivo: fenômeno político, econômico, cultural, histórico, simbólico etc. Anos depois, já formado em Sociologia pela UFRJ e professor, fiz um concurso pra UERJ e me tornei professor do departamento de Ciências Sociais desta universidade. Na sequência, realizou-se um concurso interno nos tornamos professores em regime 40 horas - não havia ainda dedicação exclusiva - mas era algo parecido. Era necessário apresentar um projeto nesse concurso e eu apresentei a criação do núcleo permanente de estudos de sociologia do futebol. Foi aprovado pelo Departamento e pelo Instituto, e em maio de 1990,

eu criei e coordenei esse grupo por mais de dez anos. Esse foi o primeiro núcleo, até onde eu sei, da América Latina - do Brasil foi o primeiro com certeza -, pioneiríssimo, responsável por estudar o futebol em caráter permanente, sob a ótica das ciências sociais e para além das “quatro linhas”. Até onde pude constatar, foi o terceiro no mundo. Primeiro o da Universidade de Colônia, na Alemanha, o segundo na Universidade de Leicester, Inglaterra, que hoje é o principal centro de pesquisas nessa área do mundo, e o terceiro, na UERJ. E assim começou o meu trabalho acadêmico com futebol. Foi bastante difícil, porque havia um preconceito muito grande, diversas barreiras, e diziam quase sempre que o “futebol não é um tema importante para a *academia*”; afinal *academia* tem isso. *Academia* tem uma arrogância, o nariz em pé, uma hierarquização das coisas que nem sempre condiz com a qualidade dos trabalhos, mas há essa empáfia. Mas sabendo disso, nós tínhamos que impor uma insistência, e assim foi. Começamos a fazer parcerias internas na universidade, muitos professores e alunos surgiram interessadas. Eram da história, filosofia, comunicação social, direito, porque o direito esportivo estava começando no Brasil, então tudo se ampliou, até mais do que eu imaginava. Eu era o coordenador deste Núcleo na UERJ, mas notei que tínhamos de fazer parcerias externas e dar mais e maior legitimidade àquela ideia. Procuramos pessoas vinculadas a cultura brasileira, reconhecidamente interessadas no futebol assim como de outras áreas: música, cinema, teatro, todos que adoravam o futebol. Estabelecemos parcerias com Chico Buarque de Holanda, Paulinho da Viola, Nei Lopes, pessoas do teatro, da literatura, do cinema. Isso foi deu visibilidade ao Núcleo e, portanto, uma respeitabilidade externa que resultou no aumento de credibilidade e de resultados internos. Na área da literatura, um grande amigo do Núcleo e meu, parceiro e colaborador absolutamente fundamental foi o estudioso, escritor e pesquisador Edilberto Coutinho, autor do livro “Maracanã, adeus, 11 histórias de futebol”, vencedor do prêmio Casa de Las Américas, de Cuba. O Edilberto foi mesmo fundamental! E isso tudo, todas essas iniciativas institucionais, dentro e fora da UERJ, aconteceram a partir de maio de 1990. Em 1994, o futebol comemorava, oficialmente, cem anos no Brasil, então nós fizemos um evento na UERJ chamado “Futebol: 100 anos de paixão brasileira”. Foram quase dois meses de atividades todos os dias, uma loucura, nunca mais fiz isso (risos), nem farei, porque quando você faz um evento de um dia já é uma loucura...

Um dia já é encrenca, quanto mais dois meses. Reunimos treze unidades acadêmicas: Direito, Medicina, História, Sociologia, Comunicação, Artes, Educação Física e outras. Cada olhou o futebol pelo seu âmbito: medicina pela medicina esportiva, direito pelo direito esportivo, faculdade de Nutrição, nutrição esportiva, odontologia, a odontologia esportiva nem existia ainda como especialidade, mas existe hoje (a Associação Brasileira de Odontologia Esportiva, que segue uma tendência mundial), enfim, cada um olhou o futebol pelo seu viés. O futebol era o epicentro, e cada unidade analisou o futebol com o olhar de sua área de conhecimento. Fizemos um evento enorme e a partir dele criamos a primeira revista acadêmica de sociologia do futebol no Brasil, chamada *Pesquisa de Campo*, nome que eu gosto muito, porque dá um duplo sentido e ela durou. Percorreu cinco números e posteriormente, a universidade não quis mais custear, pela ausência de verbas, afinal nunca se tem para as coisas boas. No Brasil, as instituições estão sempre sem dinheiro... mas para corrupção e desvio há - é só bilhão, bilhão e bilhão. Você não ouve mais milhão. Milhão é café pequeno. Mas para as coisas efetivas, necessárias, e que estão previstas na Constituição e, portanto, não é favor, é obrigação, para isso não há recurso nunca. Por isso, a revista

circulou apenas cinco números, mas marcou uma época. Nesse período também criamos a primeira disciplina, no âmbito das ciências sociais, para tratar das temáticas do futebol, chamada Sociologia do Futebol, da qual fui o criador e responsável por ministra-la como disciplina eletiva - eletiva universal, porque estava aberta para alunos internos e externos da UERJ - durante anos e por reunir mais de setecentos, setecentos e cinquenta alunos e alunas. Uma curiosidade: foram mais alunas do que alunos. Isto, creio eu, porque quando as mulheres percebem que em algum lugar, elas imaginam que o preconceito é menor, elas chegam com mais liberdade, mostram que entendem e que gostam de futebol; só a exclusão de gênero, que é uma forma de violência, que acha o contrário. Esse período foi muito positivo e em consequência realizamos várias pesquisas, estudos, debates e eventos. Uma das primeiras investigações abordou violência e futebol, porque em meados dos anos 1980, a violência passou das páginas esportivas para as páginas policiais. Outra investigação inaugural do Núcleo se deu em torno do olhar feminino no futebol, a questão de gênero, da exclusão, uma vez que muitas mulheres nos procuravam e isto nos chamou atenção. Outra pesquisa se deu entorno da relação entre futebol e arte, por isso fizemos um vídeo com Chico Buarque sobre o tema. A ideia foi crescendo, crescendo, crescendo, e eu me especializei nessa área de ensino, pesquisa e extensão. Posteriormente morei fora do país, vivi cinco anos na Europa trabalhando com o tema, e até hoje só faço isso e ainda me pagam.

Não tanto quanto eu mereço (risos), mas me pagam para isso. Esta foi a minha trajetória. Sou aposentado há nove anos pela UERJ, embora não pareça (risos), e agora eu trabalho em uma universidade privada em Niterói, na Universo, onde sou professor e pesquisador de Sociologia dos Esportes. Me especializei em futebol e violência, área acadêmica onde tenho vários artigos e livros escritos e publicados no Brasil e no exterior.

Professor, nos fale um pouco sobre sua experiência com sua atual área de pesquisa.

Hoje eu trabalho fundamentalmente com futebol e cultura brasileira e futebol e violência. Futebol e cultura brasileira: a questão da história e da contextualização sociológica do futebol. Futebol como expressão do Brasil, sim, porque quando você abre a pesquisa do futebol, quando você discute o futebol quem se enxerga é o Brasil. Com suas dificuldades, suas desigualdades, suas mazelas, seus dilemas, suas contradições e que são muitas, profundas e complexas. É aquela famosa frase que eu até já citei em outras ocasiões, do José Lins do Rego, “o conhecimento do Brasil passa pelo futebol”, então para se entender o Brasil, é preciso entender o futebol. E eu diria também que para se entender o futebol é preciso entender o Brasil. A partir do futebol e da cultura, analiso o conteúdo histórico e sociológico, e com isto, entendo que o futebol é mais do que um jogo nas quatro linhas. O que importa no futebol, mais do que o jogo, que é bonito, que é vibrante etc., são os jogos que envolvem o futebol. Jogos econômicos, político, simbólico, a identidade, a história, a sociedade. Então, essa é uma linha de pesquisa que eu trabalho no mestrado e que, enfim, ministro aulas e palestras. Fui convidado diversas vezes para falar e debater essas ideias.

Nesse período de copa do mundo eu vou falando, me chamam e eu falo. Sobre futebol e violência - entendendo que a violência é *no* futebol e não *do* futebol... tem as suas especificidades, é óbvio, mas ela é uma expressão da violência geral do país. Violências no plural. É macrossocial. O nosso país tem uma história de violências, de violências estruturais e até estruturantes, como a escravidão, e também momentos mais agudos, com um repertório assustador de agressividade, intolerância e violência, como o atual. Essa conjuntura terrível, de violência em todos os setores, violência contra mulher, contra LGBTs, no trânsito, no mundo rural, a luta pela posse da terra, brutalidades contra jovens, contra negros, com índices alarmantes de agressividade e violências, que assombram a nossa cidadania, a nossa consciência cidadã. É uma macro violência generalizada que alcança todos os segmentos da existência social em nosso país. E nesse contexto, há violência também no futebol, violências, práticas diversificadas de violência. Nesse contexto, somos campeões mundiais de mortes de torcedores comprovadamente por conflitos de torcidas organizadas. De gangues infiltradas nas torcidas, melhor dizendo, não das torcidas organizadas como um todo, mas de gangues de delinquentes com links já comprovados com o crime organizado, o tráfico de drogas e mais recentemente, com o tráfico de armas. Isto atinge os mais jovens, sobretudo, jovens de periferia e negros. Ou seja, o que está no mapa da violência do Brasil, em geral, também está no cenário de violência no futebol brasileiro. Veja: temos, segundo os últimos dados, 62.517 vítimas de homicídios, a maioria por arma de fogo, vitimando em sua maioria jovens negros moradores de periferias. O que relatei acima sobre os homicídios no Brasil pode ser aplicado aos homicídios no futebol. A violência no futebol tem as suas especificidades e não pode ser determinado em linha direta, ou seja, do quadro global da sociedade brasileira para o específico que acontece no futebol. Uma relação determinista, mecanicista é teoricamente discutível, mas na prática percebe-se que não é bem assim; tem as suas especificidades, por exemplo, a violência no futebol é um fenômeno de multidão, e a multidão tudo exacerba, tudo acentua. Falta uma preparação da polícia no sentido de lidar com esse público, de trabalhos principalmente preventivos, de inteligência, de conhecimentos em bases científicas, permanentes, sustentáveis e renovados para se atuar com inteligência e preponderantemente de modo preventivo. Sim, a polícia tem experiência com o delito de uma pessoa ou de um pequeno grupo, mas a multidão tem outra psicologia, outra sociologia. Há outros protocolos operacionais para fundamentar a ação das tropas quando se trata de multidão. É preciso entendê-la, cientificamente, insisto, e isso falta, falta o preparo da polícia, o preparo em bases científicas, em bases operacionais. Os protocolos internacionais acompanhados por mim durante os cinco anos em que morei fora, a polícia brasileira praticamente desconhece. Apenas no Rio de Janeiro existe um pelotão específico de policiamento dos estádios, o GEPE, mesmo assim sucateado nos últimos anos pelos desgovernos Sérgio Cabral e Pezão como toda a segurança pública do estado. Em geral, em outros estados do Brasil, o Batalhão de Choque faz o policiamento dos estádios e das áreas em torno, ou o batalhão da polícia militar da área onde está localizado o evento. Importa referir igualmente que a segurança pública, em todo o Brasil, está sucateada, depauperada. Então há especificidades, como a cumplicidade silenciosa dos clubes, por exemplo. Esse é outro problema, pois eles dão ingressos, ajudam nas caravanas, na hospedagem e na alimentação sem nenhuma contrapartida. Essas especificidades no futebol não podem ser desconsideradas. É um jogo com muita disputa, é um jogo de contato físico muito intenso, é uma cultura de masculinidade, machismo, que predomina nas torcidas. Mas são

especificidades com links diretos, claros, evidentes, com as macros violências da sociedade brasileira. É nessa linha de inter-relações que está fundamentada a estratégia das nossas pesquisas e investigações. Também seguimos pesquisando, até empiricamente, os cenários dos conflitos entre torcedores, torcidas, os processos ali presentes, quem são essas torcidas, seu perfil socioeconômico e cultural etc. Quem são esses torcedores? Por que isso acontece? Do geral ao específico e deste àquele. A questão da impunidade, que é geral no Brasil e também no futebol, a questão do racismo, que é geral no Brasil e também no futebol, da homofobia, que é geral no Brasil e também no futebol, das agressões de gênero, da exclusão, da misoginia, da concentração de renda (82% dos jogadores profissionais de futebol, no Brasil, ganham até mil reais por mês), da corrupção em geral e no futebol, dos autoritarismos diversos... Estabelecer esses links é fazer sociologia, pelo método da contextualização e do entendimento das relações dialéticas entre a expressão local de um fenômeno global.

Professor Mauricio, nos fale um pouco mais da sua trajetória na Universo e seu núcleo de pesquisas nesta instituição. Como está sendo sua atuação?

Na Universo trabalho na pós-graduação. Sou professor e pesquisador de Sociologia dos Esportes e não temos exatamente um núcleo, mas um grupo de professores e de alunos que discutem violência nos esportes. Nesse grupo formado por alunos e professores do mestrado, estudantes de graduação e professores, que coordeno pesquisas, que, em última instância, dão sequência a todo esse caminho acadêmico iniciado na UERJ com o Núcleo. Desde que eu comecei na UERJ, em maio de 1990, eu não parei mais com essas reflexões e na Universo damos prosseguimento a isso. Renovamos a pesquisa a cada ano, na verdade a cada mês, sobre mortes de torcedores, sobre medidas de contenção. Inclusive meu último livro... não, último não, meu mais recente livro, chamado “A Violência no Futebol”, ele tem um subtítulo, “novas pesquisas, novas ideias, novas propostas”. É que ele tem, até a editora falou, colocou até o nome diferente da primeira edição, porque disse “na verdade é um novo livro, porque tem 36 páginas a mais da primeira edição e todos os dados atualizados”, todos. Então na verdade é como se fosse outro livro. E como é que eu atualizo tudo isso? Não sou somente eu, mas todo esse grupo da Universo que pesquisa, escreve, dá aula, faz seminário e assim o processo caminha por aí. É muito bom porque é um fenômeno. Quer dizer, por um lado é muito bom do ponto de vista da pesquisa, por outro lado é muito triste, porque você vê que a violência futebolística expressa a violência geral de uma maneira dramática e que nada ou quase nada é feito, sequer pensado, para entender e conter esse tsunami. Inclusive, tivemos há pouco tempo um trabalho lá sobre, com os novos coletivos de torcedores, de torcedoras, de LGBTs, que estão surgindo pelo Brasil, como os coletivos “mulheres de arquibancada”, como também de mulheres jornalistas, o movimento “deixa a gente trabalhar” ou “me deixa trabalhar”, que são mulheres que trabalham na mídia.

E há pouco tempo também eu estive na Casa do Saber, num debate sobre as torcidas gay. Então você vê a exclusão de gay, LGBTs em geral. O Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo. Hoje, temos um assassinato para cada 19 horas. Então, coletivos de

torcedores LGBTs surgindo, a gente vai, pesquisa, faz parceria e abre espaço para eles, pois eles reclamam muito da falta de espaço, de divulgação. A gente leva vídeos deles para os alunos e quando eles nos convidam para eventos, simpósios e encontros, a gente sempre vai, e sempre fica trocando informações e conhecimentos, fazendo parcerias, intercâmbio de dados, de experiências e também com algumas reflexões, porque eles estão na prática, mas eles não tem muito, às vezes, conhecimento teórico, instrumentais, metodológicos e teóricos para poder problematizar aquilo que vivem, de uma forma mais aprofundada. Então é isso que estamos fazendo, e que eu acho que através do futebol, você cumpre aí, digamos assim, entre aspas, uma “missão social”. Eu acho que a academia tem que sair da sua arrogância e cumprir o artigo 207 da Constituição que diz que a universidade tem três objetivos: ensino, pesquisa e extensão. Ensino é ensinar o que está. Pesquisa é renovar o que está para o ensino. E extensão é produzir efeitos sociais para além dos muros da universidade. Para as comunidades, para os excluídos ou não, é produzir efeitos sociais. A gente procura fazer isso e eu acho que, no fundo, através do futebol, que é um trabalho social, histórico e político, você contribui pedagogicamente para ampliar as consciências, a massa crítica. Com mais informação, com mais sentido de cidadania. Isso tudo é uma contribuição mínima, mas é uma contribuição para a gente melhorar ou até tentar implementar algo mais civilizatório na vida brasileira. Estamos precisando e muito. Claro que o futebol não é panaceia, mas pelo impacto simbólico que tem, pode ajudar. E deve ajudar.

Ótimo. O senhor já falou um pouco que quando o senhor começou o futebol era considerado alienação, não era muito bem visto pela academia. Eu queria que o senhor analisasse um pouco como isso está hoje, se você acha que houve alguma mudança de olhar, se o futebol continua marginalizado pela academia...

Sim, quando eu comecei era demais. Mas de lá pra cá são quase 30 anos e melhorou. Ainda não resolveu tudo, mas melhorou. Porque, por exemplo, agora vai sair um livro pela Universidade Federal de Minas Gerais, do GEFUF, Grupo de Estudos do Futebol. Eu estive lá no seminário, houve até uma homenagem ao primeiro Núcleo, que foi o que eu fundei e coordenei. Só havia na década de 1990 o núcleo da UERJ. Hoje, segundo levantamento deles, há dezenas e dezenas pelo Brasil, em universidades. Então é um dado empírico, estatístico, que prova que melhorou e não pouco, mas com certeza precisa melhorar mais. Ainda existe o preconceito e ele não é pequeno. Eu ouço muitas vezes de gente que vem fazer entrevista comigo, quando eu participo de bancas, de pessoas dizendo assim, “poxa, quando eu pensei estudar futebol me perguntaram: ‘ué, mas futebol?’”. Então ainda existe preconceito, ainda existe barreira, mas melhorou muito. Hoje essas dezenas de núcleos espalhados pelo Brasil fazem um trabalho muito interessante, eu sou sempre chamado para falar. Então eu vou, sempre que posso contribuir, eu contribuo, e tem muita gente boa pesquisando isso. Gente de altíssima qualidade. E também pessoas de gabarito, interessadas em estudar e conhecer essa área no Judiciário, nas polícias e no Ministério Público. Mas isso tudo, Isabella, essas parcerias, são fundamentadas com dados, reflexão teórica e metodológica e muita pesquisa, com números e reflexões. Então, a coisa tem melhorado, e a gente tem que se envolver, tem que contribuir, porque isso vai aumentando a massa crítica e quanto mais massa crítica melhor para a gente mudar, minimamente que seja, porque eu sempre digo, como os gregos clássicos diziam, lá na época das primeiras

Olimpíadas: nem o esporte, tampouco uma só modalidade como o futebol, que é uma modalidade entre centenas de outras, é panaceia. Quer dizer, não é remédio para todos os males, mas que pode ajudar, pode e deve. E nós, que trabalhamos na universidade e somos sustentados pelos impostos de toda a sociedade, temos o direito e a obrigação de fazer isso. Eu vejo com muita satisfação, fico muito feliz, quando eu vejo muita gente boa, crescendo, ampliando, novos estudantes (estudando o tema). Você, por exemplo, revistas como a de vocês, a Mosaico, que têm essa preocupação. Você vê, um número temático, um dossiê sobre futebol... Então, tudo isso está multiplicando. Ainda é difícil, ainda há barreiras e preconceitos, mas já melhorou muito. Não dá para imaginar o que era há 30 anos atrás. Ou dá.

Como o senhor falou, nós estamos perto do início da Copa do Mundo. Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre qual é a avaliação que o senhor faz desse evento, das tantas transformações que foram ocorrendo ao longo dos anos. Essa Copa do Mundo de 2018 é muito diferente das anteriores, queria que o senhor fizesse um apanhado sobre isso.

A Copa do Mundo é um grande evento da cultura das multidões. Eu tentei cunhar esse conceito, essa noção na verdade, de “cultura das multidões” para sair da armadilha de cultura popular, porque se eu digo que tem uma cultura popular, é porque eu presumo, mesmo que sem querer, que tem uma cultura erudita. Então, eu cunhei esse conceito num trabalho e até publiquei essa ideia em um livro da editora da FGV/Rio. Então, a Copa é um dos maiores eventos da cultura das multidões do mundo, num certo sentido mais do que as Olimpíadas. Tem mais, por exemplo, audiência televisiva do que as Olimpíadas, e olha que o futebol é uma modalidade entre dezenas e dezenas de outras modalidades esportivas. Então, o futebol, a Copa do Mundo, tudo isso é espetacular. Como integração de culturas, de histórias, de modos de jogar, de modos de entender o futebol, manifestações coletivas de cultura, de torcidas. Cânticos, cores, vestimentas, comportamentos, culinárias, etnias, panoramas econômicos, políticos e ideológicos, dos diversos países envolvidos etc. Agora em breve, na Rússia, todos poderão ficar sabendo da história, da musicalidade, da literatura, do balé, das construções, da política, desse que é o maior país do planeta em extensão territorial. Mas também ficaremos sabendo sobre o fechamento autoritário do país, a repressão política, os preconceitos - como o racismo, a homofobia, a misoginia, a xenofobia... Então eu acho que a Copa do Mundo é muito interessante como fenômeno cultural e de conhecimento. Agora, ela não deixa de ser também um fenômeno econômico e comercial. E o que tem acontecido nas últimas edições é que a parte comercial, mercantilista, tem predominado sobre a parte cultural. É uma pena, porque a excessiva comercialização, os ingressos caríssimos, os pacotes econômicos, os estádios muito elitizados, isso acaba ficando como legado. Um legado de exclusão e elitização de um esporte que é consistentemente e profundamente popular. O legado deveria ser mesmo na segurança, na democratização, na melhoria da formação de base, na educação esportiva. É isso que a gente chamava antes de legado dos megaeventos. Para esses, ninguém liga. Mas, por outro lado, a comercialização e elitização dos espaços, dos estádios, isso tem crescido muito, assim como os interesses geopolíticos e os níveis altíssimos de corrupção e

desmandos nas entidades, desde a FIFA, até as Confederações, Federações e mesmo nos clubes. A questão da televisão, dos patrocínios, isso é de uma brutal e selvagem mercantilização. E o mundo, já de algumas décadas pra cá, descobriu que o futebol é um grande fenômeno de mercado. Tanto que os países que não têm o futebol como paixão, como é o caso mais gritante dos Estados Unidos e do Japão, estão investindo pesadamente para isso, porque eles não podem ficar fora desse grande e lucrativo mercado. E agora a China, que desde 2016, há dois anos, fez uma parceria, com a federação alemã de futebol, para desenvolver projetos coletivos, para enraizar o futebol na base da sociedade chinesa, para que possa emergir “de baixo pra cima”, como um fenômeno total no país e das próprias identidades culturais e simbólicas da China. Então, a Copa do Mundo, tem essa polaridade, tem essa tensão. Eu acho que quanto mais reforço na parte cultural melhor, em que a gente promova revistas, debates, eventos públicos, projeção em telão, para juntar pessoas que não podem ir aos estádios. Mas a FIFA também já pegou isso, já está comercializando isso, que começou de forma espontânea e até como sinal de resistência, na Copa da Alemanha em 2006. Eu estava lá e pude acompanhar esse processo. Quanto mais a gente puder democratizar o evento, mais a gente vai ampliar o lado cultural do futebol, porque o lado mercantil está sendo fortemente ampliado. Então, o que acontece, é que a Copa do Mundo é um evento muito rico culturalmente, é uma marca vencedora, sem dúvida. Mas é preciso não “matar a galinha dos ovos de ouro” priorizando demais o lado comercial e de marketing político e relegando a um segundo, terceiro plano as expressões culturais, educacionais e simbólicas desse grande evento. No caso brasileiro e nesta Copa de 2018, especificamente, veja só: sempre a Rede Globo organizava uma campanha de enfeitar as ruas e praças quando faltavam cem dias para a copa. Era toda uma articulação, para as pessoas irem entrando no clima do torneio. Historicamente, era mais ou menos isso. Começavam a enfeitar ruas, havia disputa das mais embandeiradas, mais coloridas, e era interessante porque as comunidades se reuniam, conversavam, se organizavam. Cem dias, um pouco mais de três meses. Agora nós estamos a sete dias da Copa e praticamente você não vê nada. Eu tenho viajado muito pelo Brasil, Isabella, como eu te falei antes, e olha, eu tive agora recentemente no Nordeste, no Sul, no Centro Oeste, e não vi sinal. Nenhuma empolgação. Claro que quando começar a Copa e se o Brasil tiver bons resultados, e o Brasil tem uma ótima seleção muito bem dirigida pelo Tite, isso poderá acontecer. Talvez não logo de início, mas depois que o time relaxar eu acho inclusive que o Brasil é um dos candidatos ao título. É claro que isso vai crescer e as pessoas, creio que lentamente, abraçarão o evento. Mais do que o evento, a seleção como representante do futebol brasileiro, mesmo com todas as críticas e revoltas com tudo que está ocorrendo no país, porque o futebol é uma conquista social que está no inconsciente coletivo, que é parte da nossa história, que pertence à população e não aos governantes de plantão. O futebol é bem mais do que qualquer uso político, direto ou indireto, que se queira fazer dele. Futebol é conquista e afirmação das camadas populares do Brasil, futebol é um capítulo da nossa história social, de resistência, de lutas e de tentativas de inclusão, de inserção, numa sociedade tão excludente como a nossa. É uma paixão minha, sua, de todos nós, e a tendência vai ser essa.

É, depois que começar. Deixa o time entrar em campo. Aí pode mudar muito. Mesmo na época da Ditadura, depois que começavam as partidas e aquele timaço barbarizava, as pessoas que tinham combinado torcer contra, muitas delas não conseguiam e torciam a

favor. Há diversos relatos de presos políticos da época, de presos políticos, hein, que torceram dentro das cadeias, cadeias sombrias da tortura e dos assassinatos. Há diversos relatos interessantíssimos nesse sentido. Agora, na verdade, eu acho que a conjuntura que o Brasil vive hoje é muito dramática, cruel. De corrupção, de desmando, de autoridades públicas, como é que eu vou dizer, que não são nem autoridades, nem públicas, são muito mais privativas de seus interesses pessoais, de grupos, de partidos, sem pensar em políticas públicas, pensando mais em política, no sentido de politicagem, do que em políticas no sentido de políticas públicas consistentes, de médio e longo prazos, de saúde, educação, transporte, saneamento, segurança, esporte etc. Então, eu acho que o povo brasileiro está muito chateado, muito aborrecido, revoltado com todos estes desmandos, e o povo está distante do fenômeno, mais distante nesta conjuntura do que em outras, apesar da nossa seleção ser uma seleção muito respeitada, porque o Tite é um cara muito respeitado. Ele é um cara bacana, ele é uma liderança que resgatou a importância da humildade nas lideranças, ele parece não ter arrogância, ele fala, ele conversa, ele respeita os jogadores, os jornalistas, ele é quase uma unanimidade, coisa rara no Brasil de hoje. E ao mesmo tempo ele ajudou a resgatar o chamado, entre aspas, “estilo brasileiro de jogar bola”: de toque de bola, de arte, de infiltração, de técnica, habilidade, tabelinha. Então, eu acho que a seleção brasileira é uma seleção muito boa e muito respeitada. Eu torço pela seleção e torço pelo Tite. Agora, não torço pela CBF, não torço pelas federações e nem pela imensa maioria das direções de clubes, que são corruptas, que não entendem que dirigem um dos fenômenos mais importantes da identidade coletiva brasileira, que é o futebol, e estão ali para conquistar prestígio social, lucros políticos e econômicos. Então, eu acho que a Copa vive essa contradição, essa ambiguidade e a população brasileira percebeu isso, e por isso a poucos dias da Copa a gente praticamente não vê sinais, embora exista um esforço da televisão, muitas vezes risível, no sentido de dizer que “estamos todos nós vibrando com a seleção”. Nunca vi nada tão distante da realidade a sete dias de iniciar o evento.

[O senhor falou um pouco sobre essas transformações para chegar até a Copa desse ano. Queria te pedir também para falar sobre essas questões relacionadas à globalização do futebol e aprofundar um pouco mais as questões das arenas...](#)

Isso é um problema, né, essa globalização. Tem dois tipos políticos de globalização em sociologia. Até no meu livro eu falo sobre isso: a globalização hegemônica, que é aquela que vem dos Estados Unidos, que é a imposição sufocante dos padrões ideológicos, econômicos, financeiros e políticos das grandes corporações capitalistas, o capital financeiro; e a globalização contra hegemônica, que é aquela que abre as fronteiras nacionais, mas respeitando as identidades locais. Então a globalização não hegemônica é positiva, você não pode também ficar fechado em si. Agora, o problema é a globalização hegemônica, que hoje predomina no futebol e predomina porque os interesses mercantilistas, de marketing, de volumosos investimentos, de marcas patrocinadoras da modalidade oriundas do grande capital, predominam na globalização hegemônica e também no futebol profissional de altíssimo rendimento. As arenas, a compra de clubes por bilionários, muitas vezes para a lavagem de dinheiro sujo, os grandes patrocinadores associados à FIFA e às Confederações, a

televisão tomando conta de tudo de forma quase monopolista, a massificação, a padronização do jogo... Você vê a valorização de quem está lá fora, você vê que dos 23 convocados pelo Tite, somente três jogam no Brasil. Por quê? Isso é um dilema histórico do Brasil, um país de periferia, exportamos sempre o nosso melhor açúcar, nosso melhor café, a nossa melhor soja, o nosso melhor diamante, então, nós exportamos o nosso melhor jogador de futebol. 1202 jogadores no último ano, em 2017, dados oficiais da FIFA. Exportados para 120 países. Não estamos falando só de Barcelona, de Real Madrid, ou de Manchester e Liverpool. 120 países. Quer dizer, exportando jogadores para países que não tem nenhuma tradição no futebol, que vão pagar pouco e logo depois fazem a chamada “roda giratória”, para grandes clubes, em geral da Europa, revendendo por valores muitíssimos mais elevados do que aqueles que pagaram. Mas os clubes daqui, por uma ganância, por um imediatismo, e por penúria também, vendem logo o seu craque. Ai não se cria uma identificação com o local, com a cultura do lugar, uma interação e socialização entre a torcida e os seus novos ídolos. Garotos com 16, 17 anos, às vezes antes, estão sendo vendidos ou pré-vendidos para fora. Então, essa globalização massifica, homogênea e cria uma situação ruim, porque o mais bonito do futebol não é o que se joga, é como se joga. E como se joga é uma variação cultural, local, da história de cada país. Então eu acho que a Copa do Mundo é um grande fenômeno para gente analisar do ponto de vista da política, da sociologia, da economia, da história, da psicologia de massas o mundo de hoje e essa tensão, entre a globalização hegemônica e a globalização contra hegemônica.

Quando começaram a construção dessas novas arenas, uma das principais questões levantadas era quanto ao combate à violência, a vigilância dos torcedores, o controle. Com a construção das arenas percebemos que a violência vem aumentando, ao invés de diminuir. Queria que o senhor comentasse um pouco sobre isso.

É uma visão elitista, típica do Brasil. Eu sempre brinco assim: por acaso o futebol brasileiro mora no Brasil. Então ele revela o país. Não é o reflexo, não é aquela determinação mecanicista, mas ele expressa o país, com todas as mediações e intermediações, mas em que está inserido. É um país extremamente hierarquizado e elitista. Por isso que é difícil pesquisar o futebol, porque é uma coisa que tem origem popular e aí, nessa visão, a violência é vista e difundida como produto das classes populares. É apresentado, em geral, como produto desses segmentos sociais, das violências dominantes nesses universos de vida, do pobre, do negro, do mestiço, das pessoas da periferia. Sem nenhuma base na realidade. Que pesquisas fundamentam essa difusão ideológica? As pesquisas que eu coordeno há quase 30 anos dizem que as práticas de violência no universo do futebol se espalham por toda a sociedade, em diferentes classes sociais, pois ela se espalha social e culturalmente. Então não é construindo mais arena cara e excludente, estádios que são estúdios, distantes e quase aristocráticos, reconfigurando o panorama de uma cidade em favor do elitismo concentrador de rendas, de poder e de oportunidades, que você vai conter a violência. Até porque a violência hoje no futebol, mais 90% dos confrontos, das agressões, dos crimes - inclusive racismo, que é crime inafiançável e imprescritível desde 1989- acontecem fora dos estádios. Em locais distantes e em dias e horários bem diferentes dos jogos. Isso mostra que a violência é muito mais algo social do que futebolístico. Como costume dizer é a violência no futebol e não do futebol. Nós já pegamos mortes a 60 km dos

estádios, a 50 km dos estádios e em dois, três dias, antes dos jogos ou dois, três dias depois. E os horários? O jogo é cinco da tarde, a morte aconteceu às dez da manhã. Então, não tem nada a ver diretamente com o estádio. Mas ainda assim, o estádio entra como questão por ser palco daquele mega show. A condição do espetáculo gera também a condição de você aumentar o lucro, o capital ali investido. Mas é um equívoco, mais um equívoco no Brasil, que a realidade desmente e que grande parte das pessoas e da mídia insiste em não enxergar. Há muito desconhecimento, muita superficialidade, achismo e até oportunismo de pessoas que não entendem sobre o tema, que aceitam participar de programas de grande audiência televisiva, como se autoridades fossem. De quatro em quatro anos, em geral em épocas de boa visibilidade, como a Copa do Mundo. Tem gente que até escreve livros. (risos). E a mídia adora uma espetacularização...

Ultimamente na academia os estudos de raça e gênero vêm crescendo muito. Queria que o senhor comentasse a respeito disso, se tem crescido os estudos sobre gênero e raça no futebol, se o senhor acha que é um assunto relevante...

Tem crescido muito, sim. Eu acho que são assuntos muito relevantes, para os estudos do futebol e da sociedade, e acho que ambos têm crescido muito no Brasil. E acho também que o futebol tem uma história, não só no Brasil que possibilita revelar muito potencial de investigação científica, tanto em raça quanto em gênero. Toda a história da exclusão, do negro e do pobre, todo o processo de inclusão do negro e do pobre. A questão da mulher, a questão do futebol feminino, da mulher torcedora, da dificuldade de a mulher estar sozinha no estádio. Hoje os coletivos de mulheres tentando impor um espaço, tentando conquistar algo que não deveria ser tentado, mas deveria ser natural. Mulheres torcedoras, mulheres jornalistas, pessoas que querem tão somente torcer ou trabalhar com dignidade e tranquilidade. Eu mesmo tenho recebido muita gente que vem pesquisar, consultar, fazer entrevista nessas duas linhas de trabalho e investigação, de raça e de gênero. Tem muita coisa sendo escrita e publicada e eu acho que o futebol propicia muito dessas pesquisas e é rico, tanto na atual conjuntura como na história, onde há um potencial muito grande na pesquisa das estruturas brasileiras. Eu acho extremamente relevante porque é algo de significativo valor a pesquisar: gênero e raça. Ou até os dois juntos, porque também têm investigações nesse sentido, articulando gênero e raça. No espaço dos estudos do futebol brasileiro, voltamos àquele ponto da origem da nossa conversa, quando aprofundamos as nossas interpretações, o que se revela de fato e para além das temáticas particulares é o Brasil. O país com seus problemas, seus antagonismos, seus dilemas, suas desigualdades profundas. O seu potencial de exclusão, de hierarquias, elitização e concentração de renda, de poder e de oportunidade. Então, esses temas trazem muita riqueza de observação, reflexão e conclusão. Isso tem crescido, sim, eu tenho observado essa tendência.

E as pesquisas sobre o futebol feminino?

Também. Eu acho que nessa linha de gênero, veio a pesquisa do futebol feminino, que também cresceu nos últimos anos. Por que mulheres não podem jogar futebol? Por que não? Futebol é um jogo. Já me disseram o seguinte “não, porque uma bolada no seio é um problema”. Sim, uma bolada no seio é um problema, eu não posso negar isso. Mas eu posso argumentar. Ainda podemos argumentar, né? Ou está proibido? (risos). Dois contra-argumentos: primeiro, a indústria do material esportivo hoje tem protetores de seio que fazem com que a bola não atinja diretamente a anatomia do corpo, do seio propriamente dito. Segundo: uma bolada no seio no futebol é um erro. Pode ser até punido com cartão amarelo, se o árbitro perceber que você chutou intencionalmente. E se você não chutou intencional, a bola não tem que bater no adversário, tem que passar pelo adversário, ultrapassá-lo, como no drible. Então, jogar a bola em alguém no futebol é um erro, não faz parte do jogo. Agora, por que o voleibol é tido, hoje nem tanto, mas era tido, como um “esporte feminino”? Quando eu era garoto, homem jogava bola e mulher jogava vôlei. Se a bolada, a cortada, no peito é muito mais forte, e no voleibol não é um erro, faz parte da lógica do jogo. É a lógica do jogo, justamente a cortada muito forte em cima do adversário, contra ele, para evitar que consiga defender. Mesmo se você defender, mas se a bola resvalar e escapular, pela força, pela contundência da cortada, o ponto é conquistado. E aí a chance de acertar no seio - e contundir, claro- é muito grande. E, no entanto, era tido como uma modalidade tipicamente feminina. Então isso mostra o seguinte - o preconceito cega as pessoas. Por que uma coisa óbvia, evidentíssima, como essa comparação, não era vista? E quando eu fiz isso, essa ponderação, falei “pô, aí Mauricio, concordo contigo” (risos), “bem feita essa comparação, gostei”. Ninguém via. Ou, pelo menos, se via, ninguém falava. Por que mulheres não podem jogar futebol? Qual o fundamento dessa narrativa? Agora o PROFUT veio tentar impor essa possibilidade e mesmo assim os clubes não fazem o que está previsto, ignoram uma parcela expressiva dos seus investimentos e quase não investem seriamente no futebol feminino. Poucos clubes cumprem o que está estabelecido em lei e investem. As jogadoras reclamam muitíssimo da realidade do futebol feminino nos clubes. Não existe organização, não existe planejamento, promoção na televisão, as jogadoras ganham muitíssimo menos, em termos econômicos, de prestígio social, de perspectivas futuras. Imagina se a Marta fosse um jogador. Cara, a Marta seria um Pelé... Ou quase, né? Porque o Pelé era de outro mundo, como bem disse o craque Puskas, da Hungria. Ganham menos, não tem prestígio, a maioria dos treinadores da seleção feminina não é de mulheres, mas é de homem, e isso mostra outro preconceito. “Vocês até podem jogar, mas quem tem que mandar, dirigir, controlar e planejar, é o homem”. Como se a mulher não soubesse. Então, eu acho que o futebol feminino reflete o nosso país. Uma vez eu falei isso num evento, aqui perto na FACHA, evento de futebol feminino, com várias jogadoras e falei assim: “vocês jogam muito mais do que os homens, sabem por quê? Porque os homens jogam só um jogo, vocês jogam o jogo e jogam muito mais contra o preconceito, contra a exclusão, contra a desconfiança de que vocês não sabem chutar, lançar, driblar, que futebol é coisa de homem”. Então fiz, digamos, uma metáfora, uma quase brincadeira, quase, mas que era nesse sentido, de questionar “verdades” ocas repetidas como fundamentação. Quando elas entram em campo, são muitos adversários que entram em campo contra elas. E não só o time adversário. Então elas têm tentado jogar antes de ingressar nos clubes, nos colégios, nas aulas de Educação Física. Fizemos uma pesquisa na Universo, só com o futebol

feminino em colégios e descobrimos pelo menos duas jogadoras craques de bola. Craques! Tem jogadoras que jogam muito bem, com uma leveza e visão de jogo de chamar atenção. Poderiam desenvolver? Poderiam. Mas à medida em que vão crescendo, a própria família cria obstáculos, o namoradinho, o colega, o irmão, de que “isso não é coisa para mulher”, “isso é coisa pra sapata”, “não sei o que”, “sai dessa”. Elas acabam tendo o seu desejo reprimido. Então eu acho que o futebol feminino é um campo muito bom, muito interessante de pesquisa para você entender o que é o futebol, mais do que um esporte, mas como expressão sociológica da vida brasileira.

Eu estava lendo uma matéria essa semana, falando que saiu a lista dos cem atletas mais bem pagos, o senhor viu isso?

Eu vi, eu vi.

A única atleta que estava na lista era a Serena Willians, e ela saiu (da lista). Então, é uma lista em que, dos cem atletas mais bem pagos no mundo inteiro, cem são homens.

Esse preconceito é no mundo todo. Agora, esse não é só um preconceito no esporte. A mulher ganha menos no local onde ela trabalha. Você vê, quantas mulheres estão no Supremo Tribunal Federal? Em onze pessoas, são duas, mesmo agora. Quantas mulheres estão na Academia Brasileira de Letras? São poucas. E por aí vai. Quantas mulheres desembargadoras têm? Desembargador é acima de juiz... Poucas. E no Congresso Nacional? Tem agora toda uma campanha, até falam em cotas, porque há somente alguma coisa em torno de 8% de mulheres no Congresso Nacional, ao passo que as mulheres são mais de 50% da população brasileira. Então, quer dizer, isso é geral, um fenômeno geral, que se manifesta por extensão no futebol. Por isso que eu digo: o futebol, potencialmente, é muito interessante de ser estudado porque é bem mais do que você estudar só o futebol. É você estudar o Brasil, através do futebol.

Já partindo para as perguntas finais, como o senhor analisa os desafios atuais para quem pesquisa futebol no Brasil?

Ah, isso é muito interessante. Aliás, todas as suas perguntas estão muito interessantes, não só essa, as outras também. Eu acho que os desafios são muitos, mas esta conclusão não é para desanimar, é para estimular e dizer que devemos continuar, insistir, aprofundar os estudos. É chamar e incentivar alunos e alunas de graduação e de pós-graduação, explorando a paixão, o interesse e a curiosidade da maioria das pessoas pelo fenômeno do futebol. É atender os alunos. “Ah, que mala, o aluno da graduação lá de São José do Rio Preto me ligou, quer uma entrevista”, faça! Dê a entrevista, com a mesma atenção de qualquer outra, porque você está aumentando a massa crítica, dando um apoio a uma pessoa que às vezes não tem a quem recorrer. Seja generoso academicamente... E a pessoa que te procura é porque está precisando, e às vezes você está contribuindo para dali surgir um grande pesquisador. Aumentar as parcerias, valorizar o trabalho, ampliar a massa

crítica, pesquisar, escrever, publicar, ser generoso com quem está pesquisando, com quem está começando, ao invés de partir para aquilo que a academia faz muito, ou seja, de criticar forte, muitas vezes por uma competição selvagem, de cair de pau em cima. Podemos criticar, mas com generosidade, procurando ampliar, acrescentar, contribuir. Eu acho que esses são alguns dos desafios e do mesmo modo há os desafios do ponto de vista das temáticas a serem abordadas. Porque várias temáticas vão surgindo e é preciso que os pesquisadores de futebol acompanhem, estejam atentos. Por exemplo, o árbitro de vídeo, o VAR, não havia isso. É interessantíssimo o que isso contribui, pode contribuir. As polêmicas em torno do assunto, o uso da tecnologia, o que isso pode quebrar da cultura do futebol, das tradições. As medidas atuais de implementar a torcida única, de acabar com torcida organizada, de demonizá-las, criminalizá-las, reprimi-las, o papel da mídia... Há várias coisas. A gente deve ir acompanhando isso que vai acontecendo. O futebol feminino, que nos referimos, a Copa do Mundo como megaevento mundial, a questão das relações entre futebol e diversas artes, como a música, como o ballet. Você sabe que há experiências de jogadores de futebol que aprenderam técnicas de ballet? Isso é uma coisa novíssima. Na Rússia é coisa mais antiga. Olha a cultura do lugar influenciando. Porque o ballet dá massa muscular, mas dá também elasticidade. Não é aquela coisa da academia tradicional que dá massa e pesa, a pessoa fica dura. Futebol precisa de jogo de corpo, de maleabilidade, de sinuosidade e o ballet dá isso. Na Bahia acompanhei uma experiência com a capoeira, focada exatamente nessa perspectiva. Olha de novo a cultura local se impondo. O ballet e a capoeira são práticas corporais que dão impulsão e a impulsão, mesmo dos baixinhos - veja o caso clássico do Romário contra os zagueiros da Holanda, a impulsão é fundamental para o cabeceio, para a surpresa do cabeceio. Então, ir observando essas coisas, ir pesquisando, e há um sem número de projetos possíveis de investigação, que ampliam a representatividade dos estudos de futebol, para sociedade e ampliam também para as nossas parcerias internas nas instituições universitárias. Eu vejo isso como perspectiva. Vejo como positivo e acho que isso tem crescido no Brasil e é preciso crescer mais, para se consolidar. A questão dos clubes, a questão das torcidas, da democratização dos conselhos deliberativos e das direções dos clubes, em que a maioria é muito autoritário, os sistemas de eleição interna, tudo isso. Outra coisa: textos de ficção sobre futebol. Eu, por exemplo, escrevo ficção também, contos e romances, além de trabalhos de pesquisa. É uma experiência muito rica. O futebol tem tudo para uma boa ficção: ele tem drama, comédia, tragédia, morte, amor, mistério, violência, tem ódio, ele tem... vida! Vamos escrever também ficção sobre futebol, vamos publicar, vamos fazer seminários, vamos fazer isso que vocês fazem tão bem na Fundação Getúlio Vargas, gravar depoimentos, para isso ficar registrado... Por que as pessoas morrem, né? Para o bem ou para o mal, a gente não sabe ainda (risos), mas a gente morre. Então, com a pessoa morre muita coisa. Uma história, uma experiência acumulada, uma sabedoria. Nós fizemos isso lá na UERJ, em 1990, um centro de memória, uma videoteca e uma fitoteca. Chegamos a 320 horas de material gravado, com Pelé, Zico, Zinho, Ademir, Barbosa, com escritores, gente da música brasileira, do jornalismo esportivo, pesquisadores, etc.

[Esse material ainda está lá?](#)

Esse material ainda está lá. Então quer dizer, tudo isso enriquece, amplia e mostra que o futebol é muito mais do que o preconceito pode imaginar. E que a universidade no Brasil pode e deve cumprir um papel civilizatório, que é bem maior do que o produtivismo acadêmico que predomina hoje. Inclusive e principalmente nos sistemas oficiais de avaliação da produção intelectual dos professores, sobretudo dos docentes da pós-graduação *stricto sensu*, mestrados e doutorados, onde a quantidade predomina em detrimento da qualidade, da inovação, da originalidade e da inserção social dos trabalhos de ensino-aprendizagem e do impacto social e cultural das pesquisas científicas. Einstein, de fato, publicou “apenas” quatro artigos científicos e mudou a história da ciência e do pensamento. Seria, com certeza, descredenciado pela CAPES... (risos).

O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi mencionada, falar de algum tema?

Eu acho que você abordou tudo. Gostaria de parabenizar você, Isabella, e o grupo da Mosaico, porque é bom quando a gente tem uma entrevista e percebe que a pessoa estudou e se preparou para aquilo.

Obrigada!

Porque não é uma pessoa que chegou aqui e perguntou: “professor, quem é a bola?”. Isso é uma metáfora do Nelson Rodrigues. E eu, claro, não podia esperar nada diferente de uma aluna orientanda, do meu amigo Bernardo Buarque de Hollanda. Então, parabéns, eu acho que abordamos tudo. E se você depois se lembrar de algo mais, é só falar, ok? Aqui não é assim, não: olha, terminou agora, então cale-se para sempre (risos). Se você percebeu que alguma coisa falhou, por e-mail, por telefone, a gente pode complementar. E eu fico aguardando ansioso a entrevista. Quero parabenizar a você e a todo o pessoal da Mosaico.

Mas não marquei porque eu sou bonzinho não, nem estou fazendo favor, eu marquei porque eu acho que é uma obrigação minha. Como pesquisador e professor, é uma obrigação política! Para tentar mexer minimamente nas estruturas de poder, e ter um resultado minimamente civilizatório para o Brasil. Parabéns.

Professor, eu que agradeço em nome da FGV e de todos os meus companheiros da revista. Foi um prazer estar aqui com o senhor e não é à toa que o senhor foi escolhido para essa entrevista.

Obrigado. E eu sou autor da FGV também, eu tenho livros publicados, tenho amigos lá na editora e na livraria, e os livros que eu publiquei lá sempre fui muito bem tratado e tudo funcionou muito bem.